

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO TRABALHO PARTO DENTRO DO CONTEXTO HOSPITALAR

Vitória de Oliveira Cavalcante¹, Viviane de Oliveira Cavalcante², Camila Pereira da Silva³, Dayanne Rakelly de Oliveira⁴, Rachel de Sá Barreto Luna Callou Cruz⁵

Resumo:

A violência obstétrica é uma das principais vivenciadas pelas mulheres nos serviços de saúde, desde o pré-natal até o puerpério. Dessa forma objetivou-se descrever as formas mais frequentes de formas de violência obstétrica no trabalho parto. O presente estudo trata-se de uma revisão da literatura, o método utilizado para a coleta de dados foi o levantamento bibliográfico através da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no qual buscou responder à pergunta norteadora: "Quais as formas de violência obstétrica presente no trabalho parto?". As mulheres sofrem diversas formas violência no parto, tais como toques desnecessários, restrição alimentar e hídrica, manobra de Kristeller, excesso de intervenções desnecessárias como ocitocina de rotina e impedimento de acompanhante. Esse estudo possibilitou a visualização ampliada da violência obstétrica como um problema de saúde pública violador de direitos é necessário que haja ainda mais divulgações acerca do tema, para que as mulheres tenham acesso a informações e aos seus direitos, e estejam mais empoderadas e preparadas para o momento do parto.

Palavras-chave: Violência Obstétrica. Trabalho de Parto. Violência contra a Mulher.

1. Introdução

A violência é um problema que afeta toda a sociedade, é um dos principais contribuintes para as mortes, doenças, incapacitações e consequências sociais irreparáveis. A Organização Mundial de Saúde define violência como um ato de caráter intencional, com uso de força ou poder físico,

ameaça ou real, na qual pode resultar em danos psicológicos, moral e físico (OMS, 2014).

Sendo as mulheres as maiores vítimas de atos violentos, seja nos lares, locais de trabalho e até mesmo em instituições sociais e de saúde. As Nações Unidas definem a violência contra as mulheres como qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou mentais para as mulheres, inclusive ameaças, coação ou privação arbitrária de liberdade, seja em vida pública ou privada (OPAS, 2023).

Destaca-se a violência obstétrica como uma das principais vivenciadas pelas mulheres nos serviços de saúde, desde o pré-natal até o puerpério, sendo está definida como qualquer ato ou intervenção direcionada à gestante, praticado sem o consentimento explícito da mulher, ou desrespeito à sua autonomia, integridade física e mental, desrespeitando seus sentimentos e preferências (ESTUMANO *et al.*, 2017).

A violência obstétrica pode ser física, verbal, psicológica, sexual e negligência da assistência, alguns exemplos são a não utilização de medicação analgésica, tratamento grosseiro, privação dos seus direitos como o do acompanhante durante o parto, procedimento sem o consentimento (MELO *et al.*, 2022).

Diante do supracitado, mesmo que os direitos das gestantes já estejam bem estabelecidos em leis, assim como o crime de violência obstétrica, esses atos infelizmente são comuns e recorrentes, e muitas vezes passam despercebidos pelas mulheres que sofrem esse tipo de violência, sendo naturalizado pelos profissionais que o praticam. Assim, na perspectiva de contribuir com a discussão do tema, objetivou-se analisar estudos acerca das formas de violência obstétrica no trabalho parto.

2. Objetivo

Descrever as formas mais frequentes de formas de violência obstétrica no trabalho parto.

3. Metodologia

O presente estudo trata-se de uma revisão da literatura, no qual foi elaborado com o intuito de recolher informações sobre os tipos de violência obstétrica sofrida pelas mulheres durante o processo de trabalho parto, enfatizando os seus aspectos envolvidos.

O método utilizado para a coleta de dados foi o levantamento bibliográfico através da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), indexados em bases de dados LILACS, SciELO (Scientific Eletronic Library Online) e BDEF (Base de dados em Enfermagem), com utilização dos Descritores em Ciência da Saúde (Decs): “Violência Obstétrica”, “Trabalho de Parto” e “Violência contra a Mulher”, com o operador booleano AND. A revisão da literatura buscou responder à pergunta norteadora: “Quais as formas de violência obstétrica presente no trabalho parto?”

Os filtros utilizados foram: textos completos, publicados em português e inglês, nos últimos 10 anos, resultando em 33 estudos. Os critérios de inclusão foram: estudos originais e que respondessem à pergunta de pesquisa. Após leitura dos títulos e resumos restaram nove artigos. Após escolha do material, foi realizada leitura criteriosa e fichamento dos artigos para sintetizar e discutir acerca das formas de violência obstétrica que as mulheres sofrem nos serviços de saúde durante o trabalho parto.

4. Resultados

O estudo avaliou 09 artigos, todos com relação significativa sobre as formas de violência obstétrica no trabalho de parto.

QUADRO 1. Síntese dos artigos selecionados na revisão da literatura sobre as formas de violência obstétrica.

Autor	Formas de Violência Obstétrica no Parto
Melo <i>et al.</i> , (2022)	Psicológica: Uso inadequado de tecnologias, adoção de procedimentos sem o consentimento explícito e informado da parturiente; ausência de informação e parturiente passiva no parto.
Fletes <i>et al.</i> , (2021)	Manobra de Kristeller, causando riscos neonatais e maternos.
Carer <i>et al.</i> , (2021)	Toque várias vezes, sabe, cada vez foi um. Porque teve interno e médico né, foram vários [risos], em um dia. [...] Ave Maria, é horrível. [...] houve duas vezes que me privaram de qualquer tipo de alimento, o que eles chamam de dieta lá. Eu estava de dieta sem água, tipo desde as dez da

	manhã.
Zanchetta et al., (2021)	As mulheres não têm escolha quanto ao parto e aceitam qualquer cuidado que recebem. Também descobri que as mulheres estão satisfeitas em receber cuidados desrespeitosos na maternidade, desde que o bebê seja entregue em segurança.
Bezerra et al., (2020).	A exposição do corpo da mulher durante o processo de trabalho de parto, a realização de intervenções desnecessárias. A Proibição da presença de acompanhante, infraestrutura precária, ausência de profissionais. Além da manobra de Kristeller evidenciado em um dos relatos, que consiste na compressão do fundo uterino durante o segundo período do trabalho de parto (expulsivo), objetivando a sua abreviação.
Menezes et al., (2020).	E aí ele ficava falando pra mulher: “Tem que fazer força, tá fazendo a força errada, hoje à noite não tem pediatra no plantão, se seu bebê nascer parado o que que a gente vai fazer?”. A mulher tá lá no período expulsivo, e tem gente que fica estimulando o útero da mulher, apertando mesmo, e a paciente falando: para de apertar minha barriga, está me incomodando! Aí pessoa fala: “Não, só um pouquinho, é preciso fazer isso agora, isso vai te ajudar, o bebê nascer mais rápido”, ou até a questão de você tocar a mulher sem necessidade, sem pedir permissão
Nascimento et al., (2019).	“Violência obstétrica é o médico, enfermeira, tipo debochar da cara da pessoa: Na hora de fazer foi bom! [...]” A realização da amniotomia sem indicação clínica e sem o consentimento da mulher. “Eu acho que foram uns 10 toques que eu recebi”.
Carniel, Vital e Souza. (2019).	A episiotomia, procedimento muitas vezes realizado sem o consentimento ou explicação prévia da mulher, é realizada rotineiramente pelos profissionais para acelerar o processo de parto, ganhar tempo e evitar trabalho.
Oliveira e Penna (2017)	Os toques pra ver a dilatação, é preciso, mas é horrível! acho que é uma das piores coisas que tem. O máximo que eles permitiram foi a sala de pré-parto, depois que foi para a sala de parto eles já barraram a minha mãe, que estava comigo.
Tesser et al., (2015)	Excesso de intervenções desnecessárias (como venóclise, ocitocina de rotina e episiotomia). Restrição aos movimentos corporais. Impedimento de acompanhante. Restrição alimentar e hídrica. Excesso crônico de cesarianas.
Souza et al., (2017)	Prática de episiotomia sem recomendação clínica. Realização da medicalização excessiva do parto. Anulação do direito ao acompanhante. Despreparo institucional e ritmo de trabalho alienante associado à precariedade de recursos.

5. Conclusão

O momento do parto deveria ser considerado e lembrado com um momento de alegria pelas mulheres e manejado com respeito e de forma humanizada pelos profissionais de saúde.

O presente estudo possibilitou a visualização ampliada da violência obstétrica como um problema de saúde pública violador de direitos, é necessário que haja ainda mais divulgações acerca do tema, para que as

mulheres tenham acesso a informações e aos seus direitos, e estejam mais empoderadas e preparadas para o momento do parto. Assim como é necessário cobrar e capacitar mais os profissionais acerca dessa temática, mostrando que seus atos são violentos e isso é considerado crime e traumatizante para as mulheres.

6. Referências

CARER, A.M.S; COSTA, M.S.B; MONTEIRO, V.C.M; BELARMINO, A.C.; CAVALCANTE, K.O; FERREIRA, A.R. Experiências de puerperas sobre violência obstétrica em lá perspectiva fenomenologica. **Revista cubana de enfermeria**, [s. l.], 2021.

CARNIEL F, VITAL D.S, SOUZA T.D.P. Episiotomia de rotina: necessidade versus violência obstétrica. **Rev J. nurs. health**. 2019, v.9, n.2, p.2-18, 2019.

ESTUMANO, V.K. *et al.* Violência Obstétrica no Brasil: casos cada vez mais frequentes. **Revista Recien**, são paulo, v. 7, n. 19, p. 83-91, 19 nov. 2023.

FLETES, C.A.O; ÁVILA, C.A.B; HERNÁNDEZ, Y.T; MENDOZA, R.E.L. Caracterizacion de mulheres en trabajo de parto a las que se lês aplicó manobra kristeller. **Revista de ciências forenses de honduras**, [s. l.], p. 15-22, 2021.

MELO, B.L.P.L. Violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural. **Revista Cuidarte**, Colombia, v. 13, n1, p.15-36, 07 abr. 2022.

MENEZES, F.R. O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições. **Interface**, Botucatu, 2020, v.24, n.18, p. 1-14, 4 jul. 2020.

NASCIMENTO , S.L; PIRES, V.M.M; SANTOS , N.A; MACHADO , J.C; MEIRA, L.S; PARMARELLA, V.P.R. Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto. **Revista enfermeria actual**, [s. l.], p. 1-14, 2019.

OLIVEIRA, V.J; PENNA, C.M.M. O DISCURSO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA VOZ DAS MULHERES E DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE. **Texto Contexto Enferm**, [s. l.], v. 26, ed. 2, p. 1-10, 2017.

OPAS. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Violência contra as mulheres. *In: Violência contra as mulheres*. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em: 30 out. 2023.

OMS. Organização Mundial de Saúde. Relatório Mundial sobre a Prevenção Violência 2014. São Paulo: OMS, 2014.

SOUZA, A.B; SILVA, L.C; ALVES, R.N; ALARCÃO, A.C.J. Fatores associados à ocorrência de violência obstétrica institucional: uma revisão integrativa da literatura. **Rev. Ciênc. Méd.**, Campinas, v. 25, ed. 3, p. 115-128, 2016.

TESSER, C.D; KNOBEL, R; ANDREZZO, H.F.A; DINIZ, S.D. Violência obstétrica e prevenção quaternária: o que é e o que fazer. **Rev Bras Med Fam Comunidade**, v.10, ed.35, p.1-12, 2015.

ZANCHETTA, M.S et al. Reflexão metodológica sobre o trabalho de campo de pesquisa internacional multicêntrica Brasil-Canadá. **Escola Anna Nery**, v.25, n.2, p.2-11, 16 out 2021.